



O DEBATE

Orgão do Partido Republicano Português de Aveiro

“O DEBATE”

Assinaturas

PAGAMENTO ADIANTADO

Anúncios, cada linha.	\$50
(Linómetro corpo 8).	
Ano, série de 50 números.	20\$00
Semestre, série de 25 números	10\$00
Estrangeiro, ano.	50\$00
Brasil e Colónias.	30\$00
Número avulso.	\$50

DIRECTOR E EDITOR

Domingos João dos Reis Júnior

Redacção e Administração: PRAÇA 14 DE JULHO

Telefone n.º 165

Propriedade das Comissões Políticas do P. R. P. de Aveiro

Comp. e Imp. na GRÁFICA AVEIRENSE, LDA.—Aveiro

De Palanque

Nota da semana

Ainda há quem nos faça justiça. Agora foi o democratíssimo coléguisimo que nos mimoseou com esta:

« O órgão do democratismo local não teve, sequer, uma palavra para a morte de D. Manuel.

Assim é que nós gostamos de os vêr: republicanos até à medula . . . »

Como os leitores vêem, ainda nos considera «republicanos até à medula».

Ora se fomos a levar em linha de conta a nossa orientação e aquela que tem sido seguida pelo «Democrata», a local actima transcrita corresponde a uma espontânea confissão . . . nem nós sabemos de quê . . . »

Mas para que a verdade seja esclarecida, forçoso se nos torna dizer que algo escrevemos sobre a morte de D. Manuel Maria Filipe Carlos Aurélio Luiz Eugénio Rafael Gabriel Gonzaga Francisco de Assis de Bragança Orleans Saboia Saxe-Coburgo Gota, último rei de Portugal.

Infelizmente, o vento levou da nossa mesa de trabalho o linguado em que havíamos escrito, e isto, com um pouco de descuido da nossa parte em não termos voltado a escrever sobre as nossas palavras fôssem . . . deitadas ao vento . . . »

Maldito seja o vento que sopra as mesas dos jornalistas!

Os do «Democrata», por certo corroboram connosco nesta praga, porque lá por casa ele também deve ter soprado . . . a não ser que tenham o cuidado de fechar bem as janelas . . . »

Emfim, talvez seja uma questão de prática, de método de trabalho, ou de saber viver.

Nós, pela nossa parte, confessamos a ignorância absoluta neste caso, e limitamo-nos a pedir desculpa da falta involuntária, registando que morreu o último rei de Portugal, dando à família enlutada os pésames pelo falecimento do português que lá fora se finou . . . »

Sibillino

Embarca filho . . .

Lemos a segunda coluna do coléguisimo. E não podemos deixar de dizer para connosco: «Vais bem, Miguel!»

E' que, lendo-se a biografia de Mussolini, encontram-se tantos pontos idênticos aos da vida do democratíssimo, que chegamos a convencer-nos que as psicologias dos dois se igualam . . . »

E nós que tanto prazer tínhamos em o ver . . . duce! . . . que a maré está boa! . . . »

Evangelho

Um bocadinho recortado desta secção do «Correio», que é subscrita pelo P.º Augusto Nunes Pereira:

«Na última ceia Jesus disse aos apóstolos que deviam amar-se uns aos outros e, passando das palavras às obras, pegou numa bacia e lavou-lhes os pés.»

Não seria daqui que saiu a água benta?

E outro bocadinho que vem reforçar a anedota publicada no nosso último número:

«O palácio onde nasceu foi uma choupana de animais; seu leito mortuário, uma Cruz, entre malfeitores.»

Digam agora que . . . foi péta! . . . »

Vésperas da derrocada

(VERÍDICO EPISÓDIO, A PROPÓSITO DA MORTE DO ÚLTIMO REI DE PORTUGAL)

Domingo, 25 de Setembro de 1910. Iam realizar-se daí a dois dias, no Buçaco, as festas comemorativas do primeiro centenário da derrota do general Massena,—no fim das quais, como é sabido, D. Manuel II declarou haver conquistado o exército, pois a sua inexperiência do mundo e dos homens facilmente tomou como seguras as manifestações que nessa ocasião, e em presença do neto de Lord Wellington, que veio assistir, lhe foram feitas,

O Rei vinha do norte; dizia-se que estivera em Carregosa, de visita ao Bispo Conde, e nesse domingo dirigia-se para o Buçaco, de automóvel, acompanhado de bastante numeroso séquito.

A cerca de seis quilómetros a sul de Oliveira de Azeméis, precisamente à entrada da parte da estrada real que passa ao sopé da elevação, onde, dominando vasto e admirável panorama que se estende até o mar, plácida e graciosamente se ergue a vetusta povoação da Bemposta, o automóvel régio teve uma avaria. Todos os outros automóveis pararam.

Sua Majestade e os que o acompanhavam abandonaram os carros. À esquerda, um muro alto, negro do tempo, encimado por extensa ramada, e, a certa altura dele, um caramanchão de glicínias.

Junta-se gente, muita gente, em irresistível curiosidade, e tódas se fica embasbacada, a olhar o Rei e os «fidalgos». Vêem raparigas, muitas raparigas, com os seus fatos domingueiros, descalças, lenços na cabeça . . . O dono daquele muro e daquele caramanchão de glicínias logo aparece também, apressado, sorridente, de chapéu na mão, e convida os viajantes a descansar à sombra durante o tempo necessário para a reparação da avaria,—oferimento que de bom grado foi aceite, pois estava um calor ardentíssimo.

Os hóspedes transpõem o grosso portão de castanho da propriedade, e atrás deles, sem convite, seguem os curiosos. E eis que em breve as raparigas organizam na ampla eira daquela antiga habitação uma animada dança, que os viajantes complacientemente vão aplaudindo, de mistura com a conversa.

Meia hora, talvez não mais, passara. O Rei e a comitiva saíram para a estrada e vagarosamente se foram dirigindo para os automóveis, seguidos dos populares, cujo número havia aumentado.

Ora nessa ocasião, de regresso da vila, che-

gava um lavrador, de seus cinqüenta anos de idade, em mangas de camisa, com o casaco ao ombro e um lenço vermelho à volta do pescoço, por via do calor. A maneira de andar, pouco firme, e a voz, algum tanto arrastada e pegajosa, facilmente davam a entender que o homem entrara em muitas tabernas e nelas abundantemente sacrificara ao deus Baco.

—Como está Vossa Majestade?—disse êle, dirigindo-se a D. Manuel, empertigado, com o braço direito estendido e a mão aberta, bem espalmada.

O Rei, sorrindo-se e trocando um rápido olhar com o Marquês do Lavradio, respondeu ao inopinado cumprimento, apertando a mão que se lhe oferecia.

Mas o lavrador prosseguiu, sem acanhamentos:

—Faz muito bem Vossa Majestade em não se desprezar de apertar as mãos calosas dos lavradores como eu, que são tão honradas como as dos fidalgos!

—Pois é claro!—conveio o Rei, para fugir à catadupa de palavras, que via imminente.

E depressa se instalou no automóvel, cujo motor já trabalhava.

Então o campónio acercou-se do Rei, encostou-se ao carro, bateu familiarmente no ombro do Chefe do Estado e disse-lhe, como em segredo:

—Tenha cautela com a República!

Todos acharam graça, o Rei mais uma vez apertou a mão do lavrador, e o automóvel arrancou, para em breve desaparecer na próxima curva da estrada, seguido pelos restantes.

Dias depois, a revolução estalava, e o secular trono dos Braganças caía em estrondosa derrocada, porque, se os reis nunca tinham pensado a sério em que era necessário ter cautela com a República, os seus serventuários e admiradores, salvas poucas excepções, antes que o monarca destronado chegasse à terra do exílio já se declaravam perfeitamente amoldados às instituições nascentes, habilitando-nos assim a afirmar que quem fez cair o trono português e enterrou a Monarquia foram os próprios monárquicos . . . »

Quantas vezes se não terá recordado dêste episódio o último rei de Portugal! Quantas vezes lhe não há de ter passado pela memória a lembrança daquele lavrador-conselheiro, que a dois passos da revolução lhe recomendava cautela!

J. T.

De Palanque

Ganhar e produzir

«Ganhar não é produzir, porque se ganha e não se produz em tódas as formas do parasitismo social. O que pede e não paga, o que adquire ao jogo, ganham mas não produzem. O operário que recebe o salário mas não trabalha; o patrão que podia dar o salário mais elevado e não o dá; o capitalista que exige um juro que a produção não pode cobrir, ganham mas não produzem. O funcionário público que desempenha um lugar inútil ou faz um serviço sem valia; o médico, o advogado, que fazem pagar a um cliente o que deveriam receber de vários, se trabalhassem mais, ganham mas não produzem.»

Dr. Oliveira Salazar

... Palavras dum verdadeiro chefe! Palavras para decorar e meditar! Palavras de salvação... e de condenação!

O que aí fica, recortámo-lo do «Cavaleiro da Verdade».

Mas, foi infeliz o colega . . . Pois não será uma piada ao clero—que, aliás, o «Cavaleiro» tanto defende! . . . —a parte por nós grifada? . . . »

Chora, menino, chora . . .

Contra factos não há argumentos . . . Em artigo de fundo, com o sub-título «Factos! Factos! Factos! Factos!» «O Cavaleiro» faz esta choradeira:

«E no nosso país, neste Portugal de maioria católica, apostólica romana, —quantos diários católicos vão vivendo, ou vegetando, sabe Deus como? Um, dois ou três!!»

Neste caso, ou é bico ou cabeça . . . Sim, ou o país possui uma maioria católica, ou não tem . . . planta para agüentar mais do que um, dois ou três jornais católicos . . . »

Prova dos novos: ou o «Cavaleiro», mente na primeira afirmação ou na segunda.

Prova real: O catolicismo está a baixar muito na cotação do câmbio universal!

Instrução!

De «O Reduto», de Lisboa:

«A situação dos professores na União Soviética

Os arautos da excelência do sistema capitalista cantaram-nos em todos os tons a miséria dos professores da União Soviética.

Agora calaram-se. Porque? E' que, em 3 anos, o nível da vida do professor soviético subiu em 75,7 %.

Nos últimos 3 anos, o nível de vida do professorado desceu, na Inglaterra, 10 %; na Polónia 15 %; nos Estados Unidos 17 %; na Tchecoslováquia 24 %; no Canadá 35 %; na Austrália 22 %; na Nova Zelândia 30 %; e no México 50 %!

Na União Soviética após o estabelecimento do ensino obrigatório de 7 anos, o número de professores foi aumentado de 150.000 unidades enquanto que em todos os países capitalistas a chomage entre o professorado faz estragos consideráveis. Na Prússia foram suprimidos 7.000 lugares de professores das escolas primárias e 3.000 das escolas secundárias. Um quinto dos professores da Prússia, 20.000, estão sem trabalho.

Maldita barbarie bolchevista . . . »

Entre correligionários

Diziam há dias os jornais que o sr. conselheiro Fernando de Sousa director da «Voz», se queixou à policia porque quando com outros correligionários assistia a uma missa por alma de D. Manuel, na igreja de S. Domingos, em Lisboa, lhe roubaram uma valiosa corrente e relójo de ouro, marca Longines.

Quem tem telhados de vidro . . . »

Para fechar

Havia um prior em qualquer aldeia, que, quando prégava, tinha o hábito de bater com os punhos no púlpito.

Certo dia, os filhos do sacristão, três espertalhões, lembraram-se de pôr por baixo da colcha algumas taxas com a cabeça para baixo. O padre subiu ao púlpito; e iniciando a crónica lengalenga, diz: «São Pedro, São Paulo e São João Baptista . . . —ch! que grandes patifes!» —remata, ao picar-se, e lembrando-se dos filhos do seu acólito . . . »

TRECHOS ESCOLHIDOS

XIX

«Se tódas as senhoras se lembrassem de que um padre é um homem com todos os vícios dos outros homens e às vezes sem as suas qualidades, fugiam da confissão.»

Quantas senhoras cheias de fé não se terão prostrado aos pés do confessor e êle, em lugar de atender ao estado da sua alma não dirá mentalmente:

Que bela mulher!

E porque são homens, é lógico

que pretendam aproveitar-se de tão interessante descoberta!

Dir-me-ão que nem tódas as senhoras se perdem pela confissão.

E' verdade, e as razões são simples.

Em primeiro lugar as senhoras verdadeiramente religiosas, na sua maioria teem um «físico» capaz de petrificar um homem, mesmo que seja padre.

Depois ainda, há padres relativamente honestos como há advogados relativamente sinceros e mercceeiros honrados.

Mas como conhecê-los entre tantos!

Há ainda, felizmente, as senhoras verdadeiramente honestas e inteligentes que vivem só para o seu lar e que por nada esquecerão os seus deveres.

Mas essas estão fora da discussão.

Não se confessam!

Celeste di Conti
(De «O Laico» de 4-6-32).

A MELHOR CERVEJA
ESTRELA

Este número de O «DEBATE» foi virado pela Comissão de Censura

A coerência do Pimenta

O leitor deve lembrar-se de um *suelto* publicado no nosso jornal sobre este assunto, em resposta ao *Correio do Vouga*. Vamos agora demonstrar a razão que nos assistia rindo-nos da coerência do Pimenta, actual monárquico-católico-apostólico-romano.

Para isso servir-nos-emos das transcrições feitas do seu livro «Estudos sociológicos», publicado em 1913, pelo nosso prezado colega de Lisboa *Diário da Noite*, que as publicou sob o título *A semana do Pimenta*.

E... comecemos:

Como ele pensava sobre a questão religiosa

«O Livre-Pensamento português impregnado ainda das fórmulas metafísicas do século XVIII, tem vivido na contemplação nirvânica dessas fórmulas, discursando sempre, nunca perdendo a ocasião de discursar, mas procurando aincadamente fugir a pôr em prática o que prega.

Diziamos nós, em anterior estudo, que o padre governa, de facto, na sociedade portuguesa.

E não é só o padre no seu aspecto de colaborador do *Portugal*, escrevendo sandices ou vomitando calúnias, que devemos recear, que devemos combater. Não, esse é um pobre diabo que causa riso aos mais sisudos; o que devemos temer é o padre reaccionário que baptisa os nossos filhos, que ensina as nossas crianças, que enterra os nossos mortos.

E' o padre reaccionário manso a quem estendemos a mão, que sentamos à nossa mesa, que nos trata com deferências. At é que está o inimigo. A nossa família habituou-se a depender d'ele, a precisar d'ele, a sentir-lhe a falta, se ao domingo não há missa, ou se na páscoa a não vai visitar. As nossas mulheres, não se importando com as nossas ideias políticas, querem que toleremos as suas superfluidades religiosas, e que, na exteriorização colectiva da família, sejam as suas ideias as admitidas. E nós no doce far niente da palermice, para darmos um exemplo de tolerância (é o argumento inepto!), nós, os livre-pensadores, vamos reconhecendo diariamente autoridade e valor à igreja.

Fugir ao debate da questão religiosa, é protelar o problema, o que significa complicá-lo, enroscá-lo. Demais, para vergonha nossa, nunca nós atacamos a reacção clerical; quando muito, defendemo-nos dos seus ataques; mas o que fazemos sempre é palrar, e dizer que estamos alerta.

O nosso programa é expresso: Liberdade de consciência, e igualdade civil e política para todos os cultos.—Abolição do juramento nos actos civis e políticos—Registo civil obrigatório para os nascimentos, casamentos e óbitos—Secularização dos cemitérios.

Alfredo Pimenta»

Os nossos pobres

Passa no dia 5 do corrente mais um aniversário da morte do sr. José Monteiro, antigo vendedor de jornais nesta cidade.

O seu filho João Monteiro, actual vendedor também, espírito republicano, como seu pai sempre foi, enviou-nos 10\$00 para distribuir pelos pobres do nosso jornal, comemorando assim aquela data.

Em nome dos contemplados agradecemos.

O selo anti-tuberculoso

Se quereis defender a vida de vossos filhos, auxiliai a luta contra a tuberculose, afixando na correspondência o selo anti-tuberculoso, à venda em varias casas comerciais.

UMA ENTREVISTA SENSACIONAL

FALA UM ANTIGO MINISTRO DA MONARQUIA

O sr. Luiz de Magalhães faz uma calorosa defesa da Liberdade e tem, para o reduto mais reaccionário da política nacional, inteligentes palavras de condenação

O sr. dr. Luiz de Magalhães, filho do grande orador liberal José Estevão de Magalhães, é monárquico. Mas é um homem honrado, um homem de bem, um amigo íntimo de Basílio Teles, Teófilo Braga, Guerra Junqueiro, Manuel de Arriaga, etc.

Estava indicada uma entrevista com o filho de José Estevão, na hora em que se comemorava o centenário das lutas liberais. Forros ouvi-lo, e dessa entrevista notável, sensacional sob todos os pontos de vista, vamos dar um ligeiro resumo.

A conversa foi longa, cheia de divagações. Entrando propriamente no objectivo que tínhamos em vista, observámos:

—V. ex.^a não ignora que, referindo-se à entrada, no Porto, dos 7.500 Bravos do Mindelo, o ídolo dos adeptos de D. Nuno e descendente de uma família miguelista, António Sardinha, escreveu que «D. Pedro voltou ao país, que renegara, de armas na mão e trazendo no coice uma onda de mercenários, arrebanhados a tanto por cabeça, nas tabernas de Londres». E afirmou mais ainda que «os 7.500 bravos do Mindelo caíram sobre Portugal, como o pior dos flagelos e que conseguiram, à custa da traição interna e da influência inglesa sobretudo, substituir as instituições tradicionais pela mentira política». Como classifica v. ex.^a esta afirmação que os integralistas continuam hoje a defender e apoiar?

—Classifico isso de uma falta de respeito pela verdade, de que já me ocupei num livro que fiz publicar propositadamente para desmentir, com documentos, essas e outras falsidades, levantadas com as mais suspeitas e disparatadas investigações históricas. Esse livro — *Tradicionalismo e Constitucionalismo* — foi publicado em 1927. Tinha então feito publicar um ensaio, na *Portugália* com o título *A carta Constituição tradicionalista*, o qual levou o sr. dr. Caetano Beirão a sair-me à estacada com três artigos publicados, sua *Acção Realista*, contestando as minhas afirmações e repetindo essas e outras endrôminas de António Sardinha. Não me contive e, procurando escrever um artigo, em resposta, safu-me um original para o livro esmagador, a que os integralistas prometeram responder. Até hoje, porém, não me deram essa resposta, talvez por falta... de provas.

Nesse livro, escrevi eu, a este respeito: «Então os Bravos do Mindelo eram as poucas centenas de «maltrapilhos», que formavam os dois batalhões de mercenários do Exército libertador, os 480 atiradores franceses e os 285 granadeiros e fusileiros ingleses? E foi diante deste punhado de estrangeiros que Santa Marta abandonou o Porto e Cardoso não ousou sair de Vila do Conde? Foi essa escória das tabernas de Londres e Paris, que, durante um ano inutilizou toda a acção de um exército de 80 mil homens, resistiu a bombardeamentos e repeliu os assaltos e reforçado depois, operou a diversão ao Algarve, entrou em Lisboa, triunfou em Almoester e na Asseiceira?»

«Mas se não foram só eles que, sem dar um tiro, ocuparam o Porto e se os apologistas de António Sardinha e do dr. Beirão concedem que alguma coisa tenham feito de notavel os milhares de Portugueses que desempararam, na Praia de *Ladrões*, como eles, imitando os miguelistas vendos, chamam à Arenosa de Pampeleide, hão de esses senhores concordar que não quadra mal o epí-

teto de Bravos, a que tão desdenhosamente se referem, sempre que falam ou escrevem sobre os que, em tal proporção numérica, investem com tão poderoso inimigo e conseguem derrotá-lo.

«Dos Bravos de Mindelo faziam parte, como sabem, figuras dum grande revelo moral e intelectual, entre as quais podemos citar, Alexandre Herculano, Almeida Garrett, Joaquim António de Aguiar, meu pai e tantos outros. Ora, com franqueza, classificar estes homens ilustres de maltrapilhos, mercenários — e não sei que mais — chega a ser atrevimento... E só uma paixão política, bastante acentuada, pode levar, seja quem fôr, a cometer tal atentado contra a verdade.

—E' v. ex.^a de opinião de que, como Sardinha também escreveu e tentou provar, «D. Miguel foi, de facto, caluniado como nenhuma outra figura da nossa história?»

—Não. D. Miguel não foi caluniado quando a História afirma que ele traiu seu irmão, tentando usurpar o trono. Isto é uma verdade que não pode ser contestada com factos, porque foi propriamente D. Miguel que reconheceu D. Pedro IV com legítimo herdeiro da coroa. Como tal, lhe jurou publicamente obediência.

«Para demonstrar esta grande verdade, existem muitos documentos e entre eles diferentes cartas por D. Miguel dirigidas a sua irmã, nos quais ele acentua o facto a acata espontaneamente a soberania de seu Augusto irmão e Senhor, que é o Rei de Portugal.

«Mais tarde os absolutistas e sua mãe D. Carlota Joaquina levaram D. Miguel a trair tal juramento. Tudo isto eu provei aos meus contraditores com documentos publicados no meu citado livro.

—E D. Miguel foi, na opinião de v. ex.^a, um homem com instintos sanguinários e perversos, responsável pelos mais monstruosos crimes do regime absolutista e, por isso, detestado pela grande maioria da Nação, ou procurou ser um rei querido do Povo?

—Eu lhes digo: D. Miguel, pode dizer-se, era um tarado e por isso foi um joguete nas mãos da mãe. E, como não era culto, fácil se tornou a D. Carlota Joaquina levá-lo a permitir e apoiar esse regime de violências e crimes praticados até em execuções de sentenças. Os Juizes julgavam e condenavam os liberais à forca e à fogueira porque, se assim não fizessem, iam eles parar às mãos dos carrascos, que os liquidavam de igual modo.

—Entende V. Ex.^a que se podem por qualquer modo justificar esses crimes tão barbaramente praticados pelo miguelismo com a acção da força, do cacete e da fogueira?

—Não ha justificação possível, meus senhores...

—Mas António Sardinha e seus adeptos procuram justificar esses crimes com outros praticados pelos liberais. De facto, os liberais foram também barbáros após as suas vitórias?

—Quando me falam em violências e crimes praticados pelos liberais, eu pergunto imediatamente:

—Quantas execuções políticas houve durante o regime Liberal? Onde se ergueram as fôrças e os estrados do garrote? Quantas cabeças de justicados se expuseram espetadas em postes por esse país fora? Quantos foram os presos que atulharam as cadeias? Quantos os degredados? Quantos foram os banidos, a

não ser D. Miguel, a quem, apesar disso, se arbitrou a espantosa pensão de 60 contos de reis, como infante de Portugal?

E a estas perguntas ninguém me responde com argumentos de peso.

Apontam-me insignificantes violências, saídas da multidão agitada pelos filhos e mais família daqueles a quem os miguelistas enforcaram e cortaram depois as cabeças, que espetaram em postes, queimando-lhes, em seguida os corpos, enquanto os frades brindavam e bebiam copinhos de vinhos nas janelas dos conventos dos Clérigos e dos Lóios, gozando aquêles espectáculo horrroso, cheios de alegria e contentamento. Aquêles desfôrço dos liberais podia-se considerar legítimo, porque era justo; mas, apesar disso, era prontamente sufocado pela força pública do regime liberal. E os crimes monstruosos do miguelismo eram executados em face do da aparente legalidade de sentenças de juizes, que agiam e condenavam conforme o desejo de D. Carlota Joaquina e seus sequazes, para não irem também à degola na praça pública. Para descrever os crimes do miguelismo, era preciso que eu pudesse dispor dum grande volume. Eles são tantos e tantos, e tão horrorosos que arrepiam. E os crimes dos liberais resumiram-se a uma ampla anistia em 1734 e a uma pensão de 60 contos de reis ao infante D. Miguel...

—E a propósito: — Que juízo faz v. ex.^a da figura de Gomes Freire, tão infamemente caluniado pelos actuais defensores do digno neto D. Miguel? Admite v. ex.^a opinião de D. Miguel? Admite a v. ex.^a a opinião de que Gomes Freire foi traidor à Pátria, como Sardinha, tentou demonstrar no livro *A principio era o verbo*?

—Gomes Freire foi um grande militar e um grande patriota, que se bateu em todos os campos de batalha da Europa, honrando sempre o nome português.

«O comandante, marquês de Alorna e o general Manuel Inácio Pamplona acompanharam Massena na 3.^a invasão francesa. E estes, para essa gente, não são traidores. Traidor foi Gomes Freire que não se prestou a esse papel...

—V. ex.^a está também de acôrdo que a Maçonaria foi a grande alma das lutas liberais?

—Sim; desempenhou um papel importante...

—Os inimigos da Democracia consideram bandidos todos aquêles que sejam apontados como maçons. V. ex.^a também é dessa opinião?

—Não, senhor! Maçon foi meu querido Pai; maçon foi o meu grande amigo Sebastião de Magalhães Lima, e conheço muitos maçons verdadeiros homens de bem.

A Maçonaria, como eu já afirmei e agora repito, é a *bête-noire* dos reaccionários, como o jesuitismo é a *bête-noire* dos jacobinos. O *balandrau* e a *roupeta* explicam para uns e para outros todos os enigmas, todos as incógnitas da política!

Na primeira metade de século XIX, raro foi o homem público que não fosse ou não tivesse sido maçon. Até padres eram maçons.

Por isso a Maçonaria tinha que tomar parte activa nas lutas liberais.

—Como aprecia v. ex.^a a acção política dum reduzido número de indivíduos, que se apelida de Integralismo Lusitano?

(Continua na 3.^a página)

Exames do 2.º grau

Escola masculina da Vera-Cruz

Alunos propostos pelo professor sr. Castro Maia:

Distintos:

Adolfo Correia Rito, Alvaro de Carvalho Vilaça, Angelo da Silva Pádua Júnior, António Ferreira Leite, Carlos Augusto Rodrigues do Vale Guimarães, Deniz de Jesus Gamelas, Eduardo de Oliveira Barros, Fernando António Ferrão Tavares de Vilhena, Francisco António de Lima Peres de Almeida, Francisco da Cunha Silva Nogueira, João Fernandes de Sousa, João da Rocha Cabeço, Joaquim Pereira Júnior, José Vieira da Maia Romão, Kelso Valmi de Matos Mendes Ferreira, Luiz de Melo Alvim Júnior, Manuel Alvaro de Moraes Sarmento, Manuel Augusto Gonçalves Moreira, Mário Tavares, Paulo de Melo Moreira, Serafim da Costa Carvalho.

Aprovados:

Abel Ferreira da Encarnação Durão, Armando Deniz Pinto, Armando de Sousa, Artur Rodrigues de Lemos, Floridor de Bastos Salgado, Francisco Gomes, Guilherme Martins de Figueiredo, Jacinto dos Santos, João da Cruz Regala, João Evangelista Canela de Moraes Sarmento, João Moreira da Costa, José de Almeida Ramalho, José de Oliveira Barros, Luiz Porfirio de Carvalho e Silva, Manuel José Pina, Manuel Maria Marques da Cunha, Manuel Martins Leal, Manuel dos Santos Marques, Manuel Tavares da Cruz e Noel Ferreira da Maia.

PELA ARCADEA

Mulheres

Nesta arcadea onde me postei passam muitas mulheres. Mulheres velhas e novas. Mulheres de todas as condições e de todas as belezas. Passa a tricanita insolente e a criada de servir modesta. A moça que aspira a dona. A dona que tem saudades de quando foi moça. Rapariguitas púberes de olhar inteligente que adivinha um coração meigo. Espertalhotas já batidas nos meandros da vida. E' um xadrez do interessante. Um jogo de psicologias, uma colecção para romance, assuntos para estudo. Uma galeria opulenta em que estão representadas todas as escolas de todas as épocas.

Desde os escopros helénicos aos pincéis gigantes da Renascença. Tipos de Vénus, de Botticelli, de Rúbens, de Watteau, de Ingrès.

Principalmente em dias de procição eles não esquecem de aqui passar, de serigaitar por estas calçadas de soalheiro e vadiismo. E a minha retina foca-as. Vou a partando os tipos, seleccionando-os, classificando-os, Há-os morenos, há-os pálidos e também os há loiros. São tantos e tão variados que não me perturbam. Dissecos-os friamente com cálculo e sem emoções. Como num laboratório vou estabelecendo as suas análises.

Mas de tempos a tempos alguém passam. E' loira, de tipo mediano e possui olhos verdes. O seu andar é herático, toda a sua figura expele majestade. E mal olha. A figurinha de Rafael serenamente desliza. Dir-se-ia que o frio envolveu a sua sensibilidade e a embotou. Mas esse frio não envolve a minha. A minha pupila ao fixá-la treme. E nunca, calmamente, pude recortar o seu perfil doirado e, como aos mais, classificá-lo e colá-lo no seu dossier.

A. C.

Milly Heischmann

CANETA DE TINTA PERMANENTE, com este nome gravado perdeu-se nesta cidade. Pe-de-se o favor, se fôr encontrada, de a entregarem na Ourivesaria, de Manuel Fernandes Lopes, na rua dos Mercadores, 46.

“O Debate” no distrito

Ilhavo, 1.

Rede telefónica—Até que enfim! No edificio do quartel dos Bombeiros desta vila encontra-se já instalada uma cabine telefónica. E' um melhoramento importantissimo cuja falta se fazia, de há muito, sentir neste concelho.

Como se sabe, Ilhavo é uma terra essencialmente marítima e a sua população, em grande parte, tem muitas vezes necessidade de comunicar urgentemente com as principais cidades do país. A montagem duma cabine pública telefónica é de absoluta necessidade e virá preencher uma importante lacuna, beneficiando muitissimo as classes marítima e comercial.

Estrada Ilhavo-Aveiro—Como informámos, encontra-se, em vários pontos da estrada que liga este concelho a essa cidade, grande quantidade de pedra para reparar a referida artéria.

No entanto não se sabe ainda quando começarão as obras e essa demora acarreta grandes prejuizos ao Estado e causa grandes transtornos ao povo deste concelho.

Chamamos, para o caso, a atenção do sr. Director das Obras Públicas.

Exames—Terminaram os exames do 2.º grau nesta vila. Funcionaram três júris, assim constituídos:

Júri masculino n.º 1:

Presidente, José Lourenço Catarino; vogais—João dos Santos Patoilo e José Fernandes Matias.

Júri masculino n.º 2:

Presidente—Guilhermino Ramalheira; vogais—Cesário da Cruz e Duarte de Pinho.

Júri mixto:

Presidente, José Teles; vogais—D. Maria da Nazaré Cruz e José Ferreira Jorge.

Fizeram exame do 2.º grau, obtendo a classificação de distincto, os filhos dos nossos amigos e prezados correligionários srs. dr. José Simões de Carvalho e Cesário da Cruz.

Parabéns aos pais e aos pequenos.

Concluiu a sua formatura em medicina o nosso conterrâneo sr. dr. António dos Santos Redondo.

Ao novo médico, que é um espirito liberal, enviamos felicitações.

Falecimento—Faleceu nesta vila, o sr. Gualdino Calisto, notário aposentado, pai do nosso correligionário sr. dr. Júlio Calisto.

Teve um entéro concorrido, incorporando-se nele pessoas de todas as categorias sociais.

De Aveiro vieram assistir ao funeral, entre outros, os srs. dr. Alberto Souto, Simão, Leal, dr. Alberto Ruela, dr. Jaime Silva, dr. Manuel das Neves, António Vilar e dr. Adelino Simão Leal.

A família em luto, especialmente ao nosso amigo sr. dr. Júlio Calisto enviamos o nosso cartão de pêsames.—C.

Macieira de Cambra, 30 de Julho.

D. Leopoldina Belo, rainha da colónia portuguesa no Brasil e embaixatriz da saúde, também visitou Macieira de Cambra, no passado dia 18, onde foi recebida triunfalmente.

Seria cerca das 14 horas, quando aquela senhora deu entrada na Quinta Progresso, propriedade do ex.º sr. comendador Luiz Bernardo de Almeida, do qual foi hóspede juntamente com os srs. Vasco Sameiro, Amaro de Oliveira Faria, jornalista Rodrigues Laranjeira e esposa.

Acompanhavam a sr.ª D. Leopoldina Belo, sua mãe e outras senhoras.

Depois do almoço, a Rainha, acompanhada de grande comitiva, visitou o cemitério desta vila, tendo deposto um lindo ramo de flores no mausoleu da ex.ª sr.ª D. Ana Hourbath de Almeida.

Ali, usaram da palavra o ex.º sr. dr. Crucho Dias e Rodrigues

Laranjeiro, tendo fechado com arrebatadora eloquência.

Daqui partiram em visita à estrada nacional n.º 32, até às margens do rio Teixeira, onde foram tiradas diversas fotografias à embaixatriz da saúde e toda a cavavana.

Era interessante notar a loucura com que o povinho das serraníssimas freguesias de Junqueira e Arões, acorria para ver bem de perto, aquela que era a portadora das saúdes de tantos dos seus conterrâneos, que em terras de Santa Cruz, labutam incansavelmente, para a conquista de melhores venturas.

Em Junqueira, pode-se dizer, com franquesa e sem receio de contestação, foi onde, neste concelho, mais condigna recepção foi feita a D. Leopoldina Belo.

Foi ali esperada pela filarmónica daquela freguesia e por um grande aglomerado de povo.

Com grande brilhantismo também ali discursou o ex.º sr. José Pereira Dias, digno professor aposentado, dali.

No regresso, visitou o Hospital-Asilo desta vila, tendo em seguida regressado ao palacete da Quinta Progresso, onde, conjuntamente com a rainha e mais comitiva, ali assistimos ao lauto jantar que durou até às vinte e quatro horas.

Novamente ali discursaram os srs. dr. Crucho Dias e Rodrigues Laranjeira.

Despedimo-nos da sr.ª D. Leopoldina Belo, que também, de nós, vai ser agora a portadora das saúdes que nos deixou...

A retirada da sr.ª D. Leopoldina Belo, fez-se no dia seguinte, pelas treze horas.

Admiramos a gentil senhora, pelo seu porte simples, delicado e correcto. Por isso mesmo aqui lhe testemunhamos o nosso louvor.

Sanatório para tuberculosos—Ao contrário do que já estava indicado, e até já tinham começado com os devidos trabalhos, o sanatório que estava para ser construído na Mamoa, vai sê-lo agora, em local muito mais deslumbrante e em condições muito superiores.

No domingo passado foi feito o seu estudo, tendo comparecido no sítio agora indicado, entre o Falcão e Currais, de Junqueira, os ex.ºs srs. drs. Hernani Barrosa, Sá Azerêdo, Augusto Amaral, Calheiros Lôbo e Duarte Teixeira da Silva.

Para a escolha da construção de tão importante edificio, não podiam acertar melhor.

A parte da serra, compreendida entre a estrada n.º 32, em Currais e Falcão, que regula por cerca de 1.000 metros acima do nível do mar, é completamente abrigada dos ventos norte e noroeste, estendendo-se as vistas por quasi toda a Beira Alta; diviando-se ao longe, sobranceira a todas as outras, a mejestosa Serra da Estrela.

Com anciedade esperamos agora que dentro em breve seja dado início as respectivas obras, não só pelo melhoramento que traz para Macieira de Cambra e resto do país, mas ainda porque ali irão ter trabalho muitos artistas que, há muito, andam desempregados. Ao grande benemérito de Macieira de Cambra, ex.º sr. Comendador Luiz Bernardo de Almeida, se ficará devendo mais esta monumental obra.—C.

Aradas, 2 de Agosto de 1932

Faz hoje 8 dias que, à hora que escrevemos, esta povoação foi súbitamente alarmada com a notícia de terem ficado soterrados no fundo dum poço João Carvalho, Joaquim Rodrigues Branco e João Rangel.

O triste acontecimento emocionou toda a gente, pois nunca um acontecimento desta natureza aqui se deu.

Os dois primeiros estão em via de convalescença. O terceiro, que já foi tirado cadáver do fundo do

poço, depois das formalidades legais, foi sepultado no cemitério desta freguesia.

Foi grande o seu funeral.

No Pôrto, onde esteve internado no Hospital do Conde Ferreira, faleceu, na última sexta-feira, o sr. Manuel de Oliveira Maia.

O cadáver foi transportado para esta localidade no pronto socorro dos Bombeiros V. G. G. Fernandes, organizando-se depois o funeral para o cemitério desta freguesia, que foi muito concorrido. Era muito estimado pelas suas belas qualidades de carácter.

Deixa viúva e filhos menores. A todos os doridos, os nossos sentidos pêsames.

Festa—Devido aos acontecimentos da última semana não se realizou a festa à Senhora de Lourdes, como tínhamos noticiado.

Gralhas—A nossa notícia sobre o incêndio da Quinta do Picado, saiu toda gralhada, dando isto origem a más interpretações, como era natural.

Parece que dela se compreendia que a «Humanitária» não prestou serviço algum. Não é assim. A «Humanitária» prestou bons serviços, como é apanágio daquela companhia.

E para outra vez o sr. revisor que tenha um pouco mais de cuidado na revisão.

Aniversário—Por a «cara metade» do nosso prezado amigo sr. José Baptista de Pinho ter completado 60 primaveras, esteve em festa, ontem, o lar daquele nosso amigo.

O menu constou de batatas cozidas com bacalhau e sardinhas frescas assadas, regadas com vinho da Bairrada, frutas e doces, e mais tarde torradas com... leite.

Desejamos que esta data se repita por mais anos.—C.

Quinta do Picado, 2-8-932

Luz eléctrica—A instalação da luz eléctrica neste populoso lugar da freguesia de S. Pedro das Aradas, vai ser um facto dentro em breve.

Devido à boa vontade da comissão encarregada desse importante melhoramento, conseguiu-se já remover as dificuldades que se depararam, e temos a satisfação de anunciar que seguiram, nesta data, para Aveiro, onde foram depositar 15.000\$00 para início das obras, os srs. Armando Marques Vidal e José Maria Resende Bastos, a quem se fica devendo, em grande parte, a luz eléctrica nesta localidade.

A tratar do local onde se deve construir a respectiva cabine, chegou hoje um electricista da Câmara municipal.

Segundo nos informam os trabalhos de instalação da rede de baixa tensão, serão executados em 15 dias.

Julgamento adiado—Foi adiado para 12 de Outubro próximo, o julgamento do processo de separação de bens e pessoas, respeitante ao proprietário deste lugar, António Duarte, e em que tomam parte umas 32 testemunhas.

E' advogado de defesa do arguido o distinto e conceituado advogado da comarca Dr. Manuel das Neves.

Esta causa tem sido o assunto do dia.—C.

Falecimento

Em 28 de Julho último faleceu em Ilhavo o sr. Gualdino Manuel da Rocha Calixto, escrivão notário aposentado.

O extinto, que contava 75 anos de idade, era pai do nosso prezado amigo e correligionário sr. dr. Júlio Calixto, distinto advogado nesta comarca.

A este nosso amigo envia «O Debate» sentidos pêsames.

Automóvel

NASH, aberto, em bom estado, vende-se. Falar com António Martins, Agueda, ou nesta redacção.

Fala um antigo ministro da monarchia

(Continuação da 2.ª página)

—Sobre isso entendo melhor não lhe dizer nada...

—Devia ser interessante...

—Para mim... considero-os um grupo de indivíduos *espertos*, monárquicos que se adaptam facilmente a qualquer situação da política republicana, se dela tirarem proveitos pessoais... Nunca procurei nem quis compreender tais atitudes...

—Muitas vezes os *escrúpulos* levam-nos até a ocupar lugares de confiança da República, não é verdade?

—Deixemos isto e falemos agora de política internacional, — diz o sr. conselheiro.

Refere-se depois à política da Rússia, da Itália, da Espanha, da Inglaterra e da França. Analisa com serenidade o grande catolicismo que ameaça o Mundo e confessa-se um grande admirador da França, verdadeiramente democrática e parlamentarista. Cita-nos com entusiasmo acontecimentos internacionais, que recorda sem o minimo esforço mental.

O sr. dr. Luiz de Magalhães, com os seus cabelos brancos, o seu cansaço dos anos, consegue ainda ter um espirito moço, uma alma grande!

São horas de nos retirar. Antes disso, o sr. conselheiro encaminha-nos até um compartimento da casa para nos mostrar as suas reliquias, as recordações de seu Pai—espada, parte da farda, a cama ambulante do exílio e tantas outras coisas, entre elas uma pequenina cruz, onde sua mãe guardou, até ao último momento da sua vida, o coração de José Estêvão. Nessa urna lê-se uma interessante quadra, que Castilho escreveu propositadamente para ali e que o sr. dr. Luiz de Magalhães muitas vezes recita intimamente como se ela fosse a sua melhor oração.

Ao lado, mais recordações do seu querido filho, combatente da Grande Guerra, já falecido.

Enfim, está ali um pequenino museu, estimado com um carinho enternecedor, que encerra todo o sentimentalismo da filha de José Estêvão.

Depois de nos falar da sua vida política, conta a sua gratidão pelos republicanos de Aveiro, que, quando da sua prisão, impuseram ao governo uma anistia para ele, visto que não podiam permitir que fosse cortada a Liberdade ao filho de José Estêvão, que tanto se sacrificou por ela.

Verdadeiramente comovido, o sr. conselheiro Luís de Magalhães despede-se de nós para se ir entregar ao labor dos seus livros.

Pôrto, Julho de 1932.

Manuel Lavrador

Féras

Aviso e convite

São por este meio avisadas todas as pessoas que se julguem credoras da Associação Dramática de Aveiro a apresentarem a nota dos seus créditos à comissão abaixo assinada, até ao dia 15 do corrente. Outrossim se pede a sua comparação no mesmo dia pelas 21 horas, no quartel da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, a fim de justificarem os seus créditos, perdendo o direito a qualquer reclamação os créditos que não forem apresentados até ao prazo acima marcado, 15 do corrente.

A Comissão

Fernando Fernandes

António dos Santos Lé

António da Costa Ferreira

ESTRELA

se vende, no depósito de Aveiro, com o imposto camarário incluído no actual preço da venda, nada tendo que pagar à Câmara.

Sociedade

Aniversários

Fazem anos:

Em 8 a sr.ª D. Felismina da Rocha Nunes, esposa do nosso amigo, sr. José Augusto Ferreira Nunes; e em 12 o menino Luiz de Melo de Vilhena, filho do nosso amigo, sr. Luiz Firmino de Vilhena.

Colúmbio

No dia 2 do corrente teve uma criança do sexo masculino a sr.ª Luciana Rodrigues do Nascimento Correia.

Formatura

Concluiu a sua formatura, em farmácia, na Faculdade de Farmácia da Universidade do Pôrto, a sr.ª Dr.ª D. Maria Daguemar de Moura Rocha, filha do sr. João da Rocha Mariano, ilustre professor oficial, nesta cidade.

Exames

Fêz exame do 5.º ano no liceu de José Estêvão, tendo ficado aprovado, o sr. Artur Adelino Esteves Paz, filho do nosso amigo sr. dr. Henrique Paz.

Do 7.º ano também fizeram exame, tendo sido aprovados, os srs. Manuel Branco Lopes, filho do sr. Francisco Pereira Lopes, Vasco Galdes, filho do sr. Major Joaquim Galdes e Eduardo Rodrigues da Rocha Cunha, filho do sr. Dr. Carlos Alberto Ribeiro.

Também fez exame do 2.º grau de Instrução Primária com aprovação o menino João Manuel, dilecto filho do nosso querido amigo sr. dr. Manuel das Neves, abalizado advogado nesta cidade.

Com distincão fez acto de Quimica Geral da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto, o sr. José Pereira Zagalo, e acto de Física o sr. António Nunes das Neves.

Conservatório de Música

No Conservatório de Música, no Pôrto, fez exame do 6.º ano de piano, tendo transitado para o Curso Superior, a menina Dilia Ferreira da Fonseca, e para o 6.º tendo por isso completado o 5.º, também de piano, sua irmã Madalena Ferreira da Fonseca, que igualmente passou para o 3.º ano de composição.

Felicitemos estas nossas patricias que, já por várias vezes, têm evidenciado os seus méritos e aptidões artisticas.

A seu pai, sr. António Ferreira da Fonseca, igualmente felicitamos.

Veraneando

Encontra-se com sua família na Costa Nova o sr. António Pereira Osório. E na Praia do Farol os srs. dr. Joaquim Henriques, Francisco Pereira Lopes, dr. Henrique Paz, Domingos João dos Reis e Alfredo Osório.

Retirou da Praia do Farol para a sua casa de Esgueira o sr. dr. Francisco Ferreira Neves.

Também se encontra com sua família na Costa Nova o nosso prezado amigo e distinto colaborador da «Debate» sr. José António Ruano, digno professor oficial em Aveiro.

A passar as férias está nesta cidade com sua família, o nosso prezado amigo e assinante sr. António de Moais, residente em Lisboa.

Féras

Obras da Barra de Aveiro

Já principiou a construção do dique curvilíneo, regulador das correntes da cale de S. Jacinto e da cale da Costa Nova.

As obras estão sendo feitas com lentidão em virtude da pedra necessária para elas não poder ser ainda transportada pelo caminho de ferro do Vale do Vouga desde a estação até ao canal de S. Roque.

Venda de propriedades em Estarreja

Vendem-se as seguintes:

Duas terras lavradas e pinhais sítos na Breja-Longa.

Um pinhal na Cardoza.

Um pinhal nas Barreiras de Beduido.

Uma casa na Rua das Amoreiras.

Uma quinta e uma casa sítos na Torreira.

Vendem-se também: móveis antigos, e uma caldeira vertical com 7 k. de pressão e respectivo burrinho, e um fogão próprio para hotel.

Quem pretender dirija-se a Jorge de Pontes Leite, morador no Agro de Estarreja.

PREFERI SEMPRE
PRODUTOS
FISKE'S

**GEAR LUBRICANT**

Super-lubrificante para caixas de velocidades e diferenciais

CUP GREASE N.º 3

Massa consistente de superior qualidade

PRESSURE FED

Massa semi-fluida. Fabrico especial para lubrificação de chassis, molas, etc.

PARA PINTURAS E DECORAÇÕES

EXIJA SEMPRE

TEOLIN**ESMALTES — LACAS — VERNIZES**

A velha marca holandesa preferida por: Engenheiros, arquitectos, construtores, pintores, decoradores, etc.

Representa garantia em toda a classe de pinturas e decorações.

PARA CADA FIM UMA QUALIDADE APROPRIADA

Agente em Aveiro:

António da Costa FerreiraRua Gustavo F. Pinto Basto, 8
AVEIRO

Telef. 169



Lampadas Eléctricas
RICARDO M. DA COSTA
Telefone, 111
AVEIRO

Parteira Municipal
Diplomada pela Universidade de Coimbra com prática nos hospitais de Lisboa
M. Regina Marques Sobreiro
R. Homem Cristo, Filho, 22
AVEIRO
CHAMADAS A QUALQUER HORA

Mandai os vossos filhos à Escola!

ESTRELA
cerveja dos apreciadores

A melhor lamina para barba é



À VENDA NA CASA:

Eduardo Osório & F.º, Suc.
AVEIRO

APAROS DE OURO, para canetas de tinta permanente
Vende por módicos preços a
GRÁFICA AVEIRENSE

Agua de Vidago
é só a que no rótulo apresenta o
VIDAGO PALACE HOTEL,
Fixe bem o rótulo.
Depositários em Aveiro:
Ulisses Pereira, Limitada

Atenção para a 4.ª página.

Ferreira da Costa
Médico Especialista pela Universidade de Bordeaux

Doenças dos ouvidos, nariz e garganta

Consultas: Domingos e 4.ªs feiras das 9 as 12 horas
no consultório do
Dr. Alberto Soares Machado

Não confundir todas as águas minerais. As de

Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas
são as melhores da Europa.
Depositários em Aveiro:
Ulisses Pereira, Lda.

Motor

Vende-se um da acreditada marca Japy, em estado de novo, trabalhando apenas 3 meses, com a força de 3,5 H.P.

Para vêr e tratar na Quinta de Arnelas, com João André da Paula Dias.

SERVIÇO DE AUTOMOVEIS
GARAGE SEIXAL
DE
José Rodrigues Nogueira

Nesta garage há serviço permanente de automóveis a qualquer hora do dia ou da noite, por taxímetro à hora ou por quilómetro.

Telefone n.º 154

Rua do Seixal—AVEIRO

Recomenda-se a leitura da novela
"Almas Torturadas"
(Em fascículos)
de **Raúl CONDE**

Quem sabe o que é boa cerveja só bebe

ESTRELA

Grand Prix na Exposição de Sevilha, Grand Prix e medalha de ouro do

Instituto Agrícola Brasileiro

Agentes gerais nos distritos de Aveiro e Viseu
Ulisses Pereira, Lda.

RESTAURANTE MODERNO

Praça do Peixe n.º 1-A

Esta casa, devido ao esforço e boa vontade da sua nova gerência, acaba de passar por uma completa transformação, tornando-a recomendável a todos que visitem Aveiro e que desejem ser bem servidos.

Tem um magnífico e assíduo serviço de mesa e quartos.

Recebe comensais com ou sem quarto.

PREÇOS MÓDICOS

Dois Prédios

Vendem-se na Praia do Farol da Barra de Aveiro, duas casas em frente ao Hotel Mourinho.

Quem pretender, queira dirigir-se a Manuel José (banheiro)

Casa

Precisa-se com nove ou mais divisões, preferindo com quintal. Resposta indicando renda, cômodos, local e condições para Dr. Mário Matias—Portalegre.

CASA

Vende-se uma nova, com eletrecidade, casa de banho e água encanada, no Passo de Nível de Esgueira. Preço com vidativo. Facilita-se o pagamento. Nesta redação se diz.

Pasta Hicapompus

Unicos depositários em Aveiro
GRAFICA AVEIRENSE

Material Eléctrico para instalações de luz e Campainhas

Orçamentos grátis

Lampadas **OSRAM** de aluguer,

especiais para iluminações, candieiros de sala e de mesa, aos mais baixos preços.

Ferreira, Pereira & C.ª
RUA DIREITA, 43
AVEIRO

Drs. Abilio Justiça e Cunha Vaz

Médicos especializados de doenças dos olhos

Consultas: em Aveiro, todos os sábados, no *Hospital da Misericórdia, desta cidade*, das 13 às 16,30 horas; e em *Coimbra*, todos os dias, na rua Visconde da Luz, 8-2.º, das 10,30 horas em diante.

CARPINTARIA MECANICA

DE

Jaime Rodrigues

Aos mestres de obras e proprietários se recomenda esta carpintaria pelos seus preços sem competência e a maior perfeição em toda espécie de caixilhos, portas, janelas, escadas armadas e outras esquadrias, etc.

Fornecem-se orçamentos grátis e levantam-se projectos.

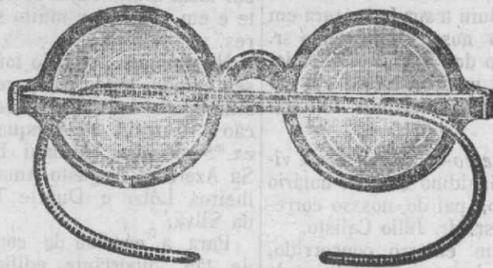
Soalhos e forros aparelhados e outras madeiras de construção, sempre em depósito.

Não façam as suas encomendas sem consultar os preços desta Fábrica, que é a que mais barato vende.

Largo Conselheiro Queiroz

AVEIRO

Telefone n.º 50



Oculos, binóculos, lunetas, armações de todos os sistemas, lentes de todas as diopetrias para todos os preços

NA SECÇÃO DE ÓPTICA DA

Oficina e Ourivesaria "VILAR,"

Execução rápida de qualquer receita

Relógios, ouro e prata — compra, vende e conserta.

Ruas José Estêvão e Mendes Leite

(Em frente ao Banco de Portugal)

AVEIRO

Contra a gripe, influenza, rouquidão, resfriados, constipações e dores de peito

Bálsamo anti-gripal

Remédio preventivo e curativo eficaz

Para uso externo sob forma de pomada, preferível para crianças e doentes que não possam ingerir medicamentos.

Pronto alívio que as mães desveladas devem ter sempre à mão.

A' venda na **Farmácia Reis****AVEIRO****FUNDAÇÃO AVEIRENSE DE****João André da Paula Dias**

Fundação de ferro e bronze.
Construções e reparações
— mecânicas. —

Charruas, prensas e cinchos para vinho eixos para carros, volantes, engenhos e bombas para água, ramadas, portões, gradeamentos, sacadas, artigos de lavouira, etc.

Fornecedor de barro, areia, cal e adobos

Quinta de Arnelas—AVEIRO

Telefone n.º 40